

EDITORIAL

INTERPARADIGMAS

Os conhecimentos científicos inevitavelmente estão referenciados em *paradigmas*, ou seja, modelos normativos e teóricos que estabelecem os limites do quê e de como investigar. O paradigma representa o universo cognitivo de uma comunidade científica. Thomas Kuhn, o principal proponente desta abordagem, chega a comparar o paradigma a uma *gestalt*, ou seja, uma forma dada à percepção, subjetiva, portanto. Kuhn mexe em um ponto delicado da ciência, o que toca a subjetividade e, logo, a objetividade. A objetividade é, para começo de conversa, uma abstração da subjetividade. O método cartesiano trata de extrair a objetividade da subjetividade, até porque não existe outra fonte possível que não seja o pensamento humano.

A história da ciência, sob este aspecto, narra o processo de transição em que um paradigma é sucedido por outro. O novo paradigma, de início, é considerado absurdo, contraditório, impossível, e não sem razão; as premissas do antigo paradigma são com ele incompatíveis. Mas justamente o motivo pelo qual o novo paradigma emerge é a insuficiência do antigo para resolver determinados problemas, a tal ponto que determinados grupos o põem em suspenso e se abrem para possibilidades até então insuspeitas.

Por outro lado, a história da ciência, não diferente de outras modalidades de historiografia, conta sua história sob determinado ângulo, geralmente o da parte vitoriosa, nesse caso, do paradigma que prevaleceu. Assim sendo, o paradigma deixado para trás é exposto à luz das vitórias do sucessor, o que não era em absoluto claro em meio à crise entre os paradigmas, quando o antigo já estava em cheque, porém ainda havia vários candidatos a novos paradigmas. Em suma, a instabilidade típica das controvérsias entre paradigmas diferentes não é objeto usual da história, cuja perspectiva de narração é, geralmente, da *ciência normal*, em termos kuhnianos. Contar a história de determinada disciplina é parte da montagem de quebra-cabeças, própria da ciência normal. O tempo e o espaço entre paradigmas distintos e rivais a ninguém é desejável, pois se o paradigma é essencialmente normatizador, então quem normatiza o campo entre os paradigmas? Justamente a disputa é pela normatização e um paradigma não aceita o parâmetro normatizador do outro. A tensão entre paradigmas é especialmente difícil porque ela é anômica e exige exercícios de meta-reflexão e tradução constantes, pois cada paradigma é como se fosse um idioma diferente. Kuhn defendia a *incomensurabilidade* entre paradigmas, mas não a *incomunicabilidade* entre pesquisadores de distintos paradigmas. O debate interparadigmático é, essencialmente, um exercício de tradução, de busca pelo entendimento, como diria Habermas.

A *Interparadigmas* – A Revista de Doutores da Conscienciologia surge com a intenção de situar-se exatamente em meio ao campo controverso entre paradigmas. No caso, entre o paradigma proposto pela Conscienciologia e outros paradigmas decorrentes da premissa de que toda realidade é material e, portanto, de que todo objeto e todo método não de fazer referência à matéria.

A Conscienciologia parte do Princípio da Descrença, o tema deste primeiro número:

**NÃO ACREDITE EM NADA. NEM MESMO NO
QUE ESTÁ PUBLICADO NA INTERPARADIGMAS.
EXPERIMENTE, VIVENCIE.
TENHA SUAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS.**

O Princípio da Descrença apresenta uma vantagem em relação ao questionamento convencional da ciência: o crivo final do conhecimento está no discernimento individual, o qual se forma mediante o acúmulo de experiências. Estas experiências acontecem nas múltiplas situações da vida, desde que abordadas com sistematicidade ou método. A Conscienciologia envolve objeto e método para além de referenciais materiais; as vivências humanas, em sua diversidade e complexidade, inclusive e sobretudo as parapsíquicas, podem ser objetivamente investigadas e submetidas a consensos da comunidade científica. A ciência convencional, tão somente materialista, não possui epistemologia adequada para investigar vivências, formuladas na primeira pessoa. Ao contrário, a epistemologia convencional historicamente pressupõe, referente à cientificidade, a negação da subjetividade.

Esse primeiro número da *Interparadigmas* privilegia o Princípio da Descrença, com o objetivo de explicitar o seu papel central na mudança de paradigmas implicada numa ciência da consciência ao modo da Conscienciologia. Cada texto procura esclarecer a problemática de determinado campo interparadigmático, de acordo com a área de concentração de cada autor-especialista.

No artigo *Entre a ciência convencional e a neociência Conscienciologia*, o professor Ney Vernon Vugman, físico da UFRJ, oferece um amplo panorama histórico da ciência, indicando, desde a antiguidade, elementos precursores da Conscienciologia. Discute, também, a questão popperiana da falseabilidade, critério demarcador entre ciência e pseudociência. A problematização central concentra-se na controvérsia interparadigmática acerca da *cientificidade*.

Em *Da dúvida metódica ao Princípio da Descrença: para uma ciência da autoconsciência*, procuro problematizar a ideia de base cartesiana, hoje parte do senso comum social, de que a ciência questiona tudo e pode investigar tudo. O método cartesiano, dentro do qual figura com destaque o procedimento cético-

co da dúvida, é uma construção metafísica, portanto, uma estrutura mais lógica e conceitual do que propriamente empírica. Sendo assim, exploro a possibilidade de trocar um conceito racionalista de questionamento, ao modo da dúvida metódica, pelo construto conscienciológico do Princípio da Descrença. Sugiro que tal modificação poderia representar uma nova condição (para)epistemológica que desse conta de investigar cientificamente a autoconsciência, incluindo as percepções extrassensoriais ou parapsiquismo. O cerne é a transição interparadigmática no conceito de *questionamento científico*.

Em *Fator descrenciológico no atributo da coerência*, a professora Rosa Nader, matemática da UFF, elabora contrapontos com foco no conceito de coerência matemática e conscienciológica. O artigo esclarece o *gap* interparadigmático ao demonstrar que a coerência consciencial permite e até exige ambiguidades, ao contrário da coerência lógico-matemática, restrita a construções tão somente formais, ideais. O ponto central do texto é a problemática interparadigmática concernente ao conceito de *coerência lógica*, tão caro a toda a história da ciência.

No artigo *O Princípio da Descrença e os desafios da contemporaneidade*, o professor Márcio Alves, agrônomo da UFPE, dirige argumentação crítica, com ênfase sócio-política, sobre o mecanismo envolvido nas diversas formas de crenças, bem como as consequências nefastas das crenças para o desenvolvimento humano. Apresenta, em contraposição, as possibilidades, tanto científicas quanto sociais e políticas, abertas pela aplicação do Princípio da Descrença. O trabalho aborda, em seu cerne, os problemas interparadigmáticos envolvendo o conceito e o processo de *crença*.

Em *Síndrome do Impostor e a vida acadêmica*, a professora Adriana Kauati, engenheira biomédica da UNIOESTE, oferece elaboração simultaneamente teórica e prática da omissão central do paradigma da ciência convencional: a desconsideração da pessoa do pesquisador na investigação científica. A Síndrome do Impostor, com ampla bibliografia no campo da Psicopatologia e Psicoterapia, acomete profissionais do mundo acadêmico com sensações de fragilidade, insegurança e baixa auto-estima, irracionais perante a real preparação de muitos anos a que o pesquisador se submeteu. A autora indica as crenças alimentando essa patologia e, desse modo, aponta, assertivamente, a incoerência entre a, ao menos esperada, postura de descrença do pesquisador e as crenças da pessoa particular. O texto também oferece indicações de técnicas para a terapêutica desse problema. O ponto central do artigo é a problemática interparadigmática dos limites do papel do *pesquisador* na produção do conhecimento científico.

No ensaio *Dinâmica evolutiva conscienciológica*, a professora Tania Guimarães, química da UFF, desenvolve rico panorama, com diversas enumerações e contrapontos, esclarecendo as diferenças entre o paradigma convencional e o consciencial. Destaca o elemento da evolutividade do pesquisador, inevitavelmente presente, historicamente negligenciado na ciência convencional e assumido na Conscienciologia. Fundamentos do paradigma consciencial são apresentados

e a casuística das reciclagens da autora chancela a argumentação elaborada. O ensaio concentra-se na problemática interparadigmática da *autoevolutividade* implicada na produção do conhecimento científico.

Em *Direito, transdisciplinaridade e hipercomplexidade*, o professor Paulo Roney Ávila Fagúndez, jurista da UFSC, e Adriana Rocha, do CIAJUC, desenvolvem argumentação crítica de amplo espectro, apontando incoerências institucionais, éticas e políticas do sistema jurídico contemporâneo. O esgotamento paradigmático do Direito enseja novas abordagens, ao modo dos temas da intuição, do taoísmo, chegando até a Conscienciologia. O artigo concentra-se na problemática interparadigmática dos princípios e procedimentos envolvendo a realização da *justiça*.

Ao final, o leitor encontrará o Regulamento da *Interparadigmas*, bem como a chamada de trabalhos para o próximo número.

A *Interparadigmas* tem o posicionamento de publicar exclusivamente textos produzidos por especialistas com sólida formação acadêmica, em nossa sociedade chancelada pelo título de doutorado. Longe de qualquer elitismo ou mesmo ingenuidade, a intenção é dupla:

1. Estabelecer interlocução efetiva com a Academia, ou seja, universidades e institutos de pesquisa, com base no domínio técnico do *estado da arte* das discussões científicas.
2. Certificar, *a priori*, a solidez e profissionalismo das investigações e reflexões publicadas acerca de temas controversos, polêmicos e até *tabus*, ao modo das experiências extrassensoriais da consciência.

A *Interparadigmas* alcançará o seu objetivo com a movimentação de energias da comunidade acadêmica debatendo a proposta do paradigma consciencial. Serão indicadores disto as contribuições enviadas à revista, seja na forma de artigos, ensaios, resenhas ou mesmo correspondência crítica. Teremos satisfação em publicar textos que alimentem controvérsias, desde que dentro do escopo da política editorial definida no Regulamento. É exigência, além do título de doutor, a abordagem utilizando a terminologia de dois paradigmas, sendo um deles necessariamente o consciencial.

Agradecemos ao Prof. Waldo Vieira, pela oportunidade evolutiva; à *Reaprendentia*, pelo apoio total e irrestrito; à UNICIN, pelo espaço para as reuniões; e à UNIESCON, pela autorização para republicar a entrevista.

O e-mail institucional é o interparadigmas@interparadigmas.org.br. Aguardamos as contribuições.

Alexandre Zaslavsky
Editor-chefe